

Lição 19 - Olfato. Seu Objeto

TEXTO 421a6-421b7 - LIVRO II, CAPÍTULO IX

OLFATO. SEU OBJETO

Não é tão fácil chegar a conclusões sobre o odor e o odoroso como sobre os objetos dos sentidos já discutidos. O que é o odor é menos óbvio do que o que é o som, ou o visível ou a luz; a razão é que nosso sentido do olfato carece de precisão; ele é inferior ao de muitos animais. Pois o homem cheira de forma fraca, discernindo nada odoroso senão com algum prazer ou repulsa especiais, como se nosso órgão para a percepção de odores fosse defeituoso. É plausível, de fato, que, assim como animais de olhos duros veem cores, mas de modo que diferenças sutis não são nitidamente definidas para eles, exceto na medida em que causam medo ou não, assim ocorre com os odores para a espécie humana. §§ 479-80

Pois parece que, embora o olfato tenha uma analogia com o paladar, e as espécies de sabor com os odores, ainda assim temos uma percepção mais nítida do paladar, porque este é uma espécie de tato — o sentido que o homem possui no mais alto grau de precisão. Ao passo que nos outros sentidos ele é inferior a muitos animais, pelo tato ele pode discriminar com exatidão muito além do resto do mundo animal. Por isso o homem é o mais sagaz dos animais. Um sinal disso é que, dentro da raça humana, os homens são dotados ou não intelectualmente em virtude deste sentido, e de nenhum outro. Pois pessoas de corpo rude são mentalmente inertes, enquanto as de carne tenra são rápidas no entendimento. §§ 481-6

Assim como alguns sabores são doces, alguns amargos, assim também com os odores. Mas algumas coisas são analogamente dotadas de sabor e odor: quero dizer, têm um gosto agradável e um cheiro agradável. Em outras, no entanto, essas qualidades são contrárias. Da mesma forma, os odores são pungentes, ásperos, acres ou oleosos: mas, uma vez que, como dissemos, os odores não são muito distintos, enquanto os sabores são, eles tomam seus nomes destes últimos, segundo a semelhança. Pois um cheiro doce vem do açafraão e do mel: um cheiro pungente do tomilho; e assim em outros casos. §§ 487-9

Além disso, assim como a audição (e o mesmo vale para cada um dos sentidos) diz respeito ao audível e ao inaudível (e a visão ao visível e ao invisível), assim o olfato é do odoroso e do inodoro. O inodoro é ou aquilo que simplesmente não pode ter cheiro algum, ou aquilo que tem cheiro, mas um cheiro fraco e de qualidade débil. O mesmo pode ser dito do insípido. § 490

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LIÇÃO DEZENOVE

§ 479. Tendo tratado do visível e do audível, o Filósofo considera agora o olfato e seu objeto. Seu tratamento tem duas partes: primeiro, ele examina este objeto como tal, e depois, em 'O olfato também', a maneira como ele incide sobre o sentido. E quanto ao objeto como tal, tendo-o considerado em si mesmo, ele se volta, em 'Além disso, como a audição', para considerar um certo objeto inodoro que cai no âmbito do olfato. A consideração anterior novamente se subdivide: primeiro, ele mostra a dificuldade de se chegar a conclusões definidas sobre o olfato; segundo, ele explica como podemos chegar a conhecer o odoroso, em 'Pois parece que o olfato tem uma analogia'.

Primeiramente, então, ele observa que é mais difícil chegar a conclusões sobre o olfato e seu objeto do que sobre os objetos dos sentidos discutidos até agora, o audível e o visível. Pois o que é o odor não é tão claro para nós quanto o que é o som, ou o visível, ou a luz, ou outras coisas desse tipo.

§ 480. A razão, ele diz, é que nosso sentido do olfato não é tão forte que possamos discernir distinta e infalivelmente seu objeto; pois este sentido é mais fraco em nós do que em muitos outros animais; a razão sendo que, como o órgão sensorial corresponde ao objeto sensorial, e como o olfato é produzido pelo quente e seco, portanto um bom órgão do olfato será predominantemente um órgão quente e seco. Ora, o cérebro humano, perto do qual se situa o órgão do olfato, é, como diz o Filósofo no *De Animalibus*, maior em proporção ao seu corpo do que o de qualquer outro animal; e, uma vez que o próprio cérebro é frio e úmido, o sentido humano do olfato é proporcionalmente menor. O homem cheira fracamente — de fato, apenas o que é fortemente odoroso e causa prazer ou repulsa; e isso porque seu sentido do olfato carece de um discernimento aguçado e exato de seu objeto. Daí se pode opinar razoavelmente que os seres humanos se encontram com relação aos odores no mesmo caso que animais de olhos duros, como gafanhotos e certos tipos de peixes, se encontram com relação às cores; pois esses animais, por causa de sua visão fraca e órgãos mal dispostos, veem apenas o que é muito obviamente visível e, como tal, é apto a assustá-los, ou o contrário.

§ 481. Então, em 'Pois parece que', ele mostra como as diferenças de odor nos são dadas a conhecer. Primeiro, ele mostra como as diferenças de odor nos são trazidas à compreensão por comparação com as diferenças de paladar. Segundo, ele mostra como as diferenças de odor correspondem às diferenças de paladar, em 'Assim como alguns sabores'.

Primeiro, pois, ele observa que o sentido do olfato no homem parece ter certa relação e correspondência com o paladar; e, igualmente, as variedades de sabor (isto é, gosto) correspondem às de odor. Ora, as coisas ocultas tornam-se conhecidas por meio do que é mais evidente. Visto que, então, as variedades de sabor nos são claramente evidentes, as de odor, que não o são tanto, mas que têm certa afinidade com aquelas, nos são trazidas à tona por meio dessa semelhança.

§ 482. Ora, as variedades de sabor nos são especialmente evidentes porque o homem possui um sentido do paladar mais aguçado que os outros animais, sendo o paladar uma modalidade do tato e possuindo o homem o tato em um grau de precisão muito superior ao de qualquer outro animal; embora, no que diz respeito aos outros sentidos, o homem seja inferior a alguns animais. Pois certos animais veem, ouvem e cheiram melhor que o homem: mas o tato do homem é muito

superior ao dos outros animais na exatidão da apreensão.

§ 483. Essa preeminência do tato no homem é a razão pela qual ele é o mais sábio dos animais; além disso, entre os homens, é em virtude da fineza do tato, e não de qualquer outro sentido, que distinguimos os dotados intelectualmente dos demais. Aqueles cuja constituição corporal é rígida e, portanto, cujo tato é pobre, são lentos de intelecto; enquanto aqueles de constituição delicadamente equilibrada e, conseqüentemente, com tato apurado, são mentalmente aguçados. Esta é também a razão pela qual os outros animais têm carne de textura mais grosseira que o homem.

§ 484. Contudo, poderia parecer que a capacidade mental correspondesse mais à excelência da visão do que à do tato, pois a visão é o sentido mais espiritual e revela melhor as diferenças entre as coisas. Ainda assim, há duas razões para sustentar que a excelência da mente é proporcional à fineza do tato. Em primeiro lugar, o tato é a base da sensibilidade como um todo; pois é óbvio que o órgão do tato permeia todo o corpo, de modo que o órgão de cada um dos outros sentidos é também um órgão do tato, e o sentido do tato por si só constitui um ser como sensível. Portanto, quanto mais fino for o tato de alguém, melhor, estritamente falando, é sua natureza sensível como um todo e, conseqüentemente, maior sua capacidade intelectual. Pois uma sensibilidade apurada é uma disposição para uma inteligência apurada. Mas uma audição ou visão excepcionalmente boas não implica que a sensibilidade como um todo seja mais fina, mas apenas que o é em um aspecto.

§ 485. A outra razão é que um tato fino é efeito de uma boa constituição ou temperamento corporal. Pois, como o órgão do tato é necessariamente dotado de qualidades tangíveis (sendo composto pelos elementos), ele precisa estar em condição de potência para os extremos do tangível, ao menos constituindo por si mesmo uma média entre eles. Ora, a nobreza da alma segue uma constituição física bem equilibrada; porque as formas são proporcionais à sua matéria. Segue-se que aqueles cujo tato é delicado são tanto mais nobres por natureza e mais inteligentes.

§ 486. Outra questão que surge é por que as diferenciações do odor são nomeadas a partir das de sabor, se é o tato o mais exato dos sentidos. Respondo que tanto o odorífero quanto o saboroso são causados a sê-lo por alguma combinação especial de qualidades elementares; conseqüentemente, o primeiro corresponde ao segundo mais do que às qualidades simples que são objeto do tato.

§ 487. Em seguida, quando ele diz 'Assim como alguns sabores são doces etc.', explico como os tipos de odor correspondem aos tipos de sabor ou paladar, observando que, assim como distinguimos estes como doces ou amargos, também o fazemos com os odores. Mas note que, enquanto algumas coisas revelam uma harmonia de sabor e odor, isto é, são doces em ambos, outras, ao contrário, têm sabor agradável mas cheiro desagradável, ou o inverso.

§ 488. A razão para isso é que o sabor pertence a um líquido aquoso parcialmente digerido; e o odor a uma matéria gasosa seca parcialmente modificada pela atmosfera circundante. Ora, às vezes acontece que ambas as substâncias, o gás sutil e o líquido mais grosseiro, estão cada um combinados em proporção adequada; e então tanto o odor quanto o sabor são agradáveis. Mas se em um se encontra esse equilíbrio, e no outro não, então um será agradável, mas o outro não.

E o que foi dito sobre o doce e o amargo, os extremos no sabor, pode ser aplicado também ao azedo, ao picante, i.e., adstringente ou áspero, ao ácido e ao oleoso: essas qualidades de sabor podem ser transferidas ao odorífero.

§ 489. E embora odores e sabores nem sempre e em todos os aspectos correspondam, no entanto, porque os odores são, como disse, apenas imperfeitamente distintos e evidentes, eles são nomeados por sua semelhança com os sabores; pois no geral há uma correspondência. Assim, o açafrão e o mel têm tanto um sabor doce quanto um cheiro doce, e o tomilho e similares têm sabor e cheiro picantes; e assim com outros sabores e odores.

§ 490. Em seguida, em 'Além disso, assim como a audição', ele mostra como coisas inodoras são perceptíveis ao olfato. Como a audição, diz ele, é do audível e do inaudível, e a visão do visível e do invisível (porque os opostos são conhecidos por uma mesma faculdade, e uma falta apenas por meio do que falta), assim o olfato é do odorífero e do inodoro. Há dois sentidos para o termo inodoro: pode significar o que não tem cheiro algum, como todos os corpos simples (i.e., não compostos), ou o que tem pouco ou fraco cheiro. E o mesmo é verdadeiro para o saboroso e o insípido.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:50:52 by Admin

Updated 4 October 2026 19:51:35 by Admin